

O EMPOBRECIMENTO SIMBÓLICO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ATUALIDADE

THE IMPOVERISHMENT AND ITS CONSEQUENCES SYMBOLIC IN THE PRESENT

¹PEREIRA, A. L.; ²TAVARES, L. A.T.

^{1e2}Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

A presente pesquisa teve como intuito pensar, através de uma leitura teórica reflexiva. O empobrecimento simbólico e seus desdobramentos na atualidade. Pois a partir da passagem da sociedade tradicional para a moderna um dos pontos mais degradantes desse processo foi a ruptura com a lei paterna. Esse homem antes regido pela lei simbólica do pai passa a ser regido pela era industrial, em que até sua relação com o tempo passa a seguir uma lógica do mercado, lógica esse que reflete diretamente na relação com o Outro. Estabelecendo relações esvaziadas, onde o ser se relaciona com o outro de forma superficial, e ao mesmo tempo em que não é afetado pelo outro, o indivíduo não se implica consigo mesmo e conseqüentemente não se constitui enquanto sujeito. Em função disso, constata-se a importância da existência de uma reflexão do sujeito contemporâneo sobre seus desejos e relações, estabelecido em sua existência, bem como os reflexos que isso traz para as diversas relações de sua vida, em que o Outro é alguém que deve ser visto com grande importância e valor, pois a constituição subjetiva, do sujeito ocorre através da perda do Outro e pelo processo de identificação, sem o Outro nos tornamos sujeitos esvaziados e empobrecidos simbolicamente.

Palavras-chave: Simbólico, Outro, Atualidade.

ABSTRACT

The present research had the main objective lead the thinking of a theoretic and reflexive reading. The symbolic impoverishment and it's actual unfolding. Since the passing from the traditional society to the modern, one of the most griving points of this process, it was the rupture of the parental force. This man, once guided by father symbolic law, start to be ruled by the industrial era, where even his relationship with time follows the market logic, which reflects directly on the Other. Establishing emptied relationships, where the being relates itself with the other in a superficial way, and at the same time not been affected by the other, the individual do not relates with himself and consequently do not constitutes while subject. On this reason, it is realized the importance of the existence of the reflection of the contemporary subject about its desire and relationships that has been established during its existence, as well as the reflex that it brings to the several relationships in its life, once the Other is someone who must be seen with great importance and value, because the subjective constitution, the subject occurs through the loss of the Other and the identification process, since without it we became emptied and impoverished subjects.

Keywords: symbolic, Other, Actuality

INTRODUÇÃO

A partir de discussões de referencial psicanalítico, o empobrecimento simbólico e suas conseqüências se intensificam, a partir da constituição da segunda

parte da sociedade moderna, em que ocorre um vazio existencial produzido pelo desaparecimento das visões de mundo com o advento do iluminismo, onde Deus não existe mais e as utopias científicas da modernidade não se sustentaram.

A queda da lei paterna está diretamente ligada aos desdobramentos do empobrecimento simbólico na atualidade e o esvaziamento subjetivo

Assim o trabalho terá pertinência ao pensar sobre a constituição social atual que favorece a busca de soluções imediatistas para todo e qualquer tipo de problema, sendo que as práticas utilizadas na contemporaneidade caracterizam-se como pseudo-soluções, na busca abusiva pela medicalização e psicopatologização de tudo que foge a lógica da sociedade vigente.

Assim, pretende-se levar a sociedade a pensar o outro como uma relação possível e não como uma ferramenta do aparecer, onde o homem possa ver, nas simples relações e costumes do cotidiano, a constituição profunda de si.

Neste trabalho que transcorrerá alguns passos da socialização humana, nos parece importante esclarecer a visão de sociedade esta descrita. Pois ao escrever sobre o desenvolvimento da modernidade não se posicionou, a fim, de levantar a questão da contemporaneidade como uma sociedade pós-moderna distinta da moderna, ou de um novo momento da modernidade, e sim pensar sobre a condição da subjetividade na atualidade.

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi relatar, através de uma pesquisa bibliográfica reflexiva, uma leitura da sociedade moderna e sua constituição buscando chamar o Outro, para um pensamento reflexivo sobre as formas de relação na atualidade. E como o empobrecimento simbólico na atualidade traz diversas consequências para a vida coletiva e individual do sujeito.

UMA LEITURA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SUA CONSTITUIÇÃO

Ao iniciarmos uma leitura da sociedade contemporânea e sua constituição, convidamos o leitor a se entregar a um olhar em direção a sociedade vigente e aos passos por quais ela se constitui.

Ao pensarmos a relação do homem com o desamparo no mundo atual faz-se necessário percorrer um caminho que Freud nos mostrou ao pensar a base das questões humanas e sexuais a partir do incesto, ou melhor, a interdição do incesto, pois, a partir dessa forma de relação constituída na horda primeva, em um momento primitivo é que se configuram as leis sociais até hoje vigentes.

Freud ([1912-1913] 1996) em “totem e tabu” relata a horda primeva, que existia anteriormente à constituição da civilização, na qual o pai tirano era o detentor de todo o poder, o único a ter acesso ao gozo e a liberdade, ele era respeitado e amado por seus filhos, que por sua vez eram cuidados e amparados por esse pai forte e superior.

Com o passar do tempo, os filhos pensam na possibilidade de este pai deixar de existir, a fim de poderem realizar as satisfações proibidas, assim, se organizam e assassinam o pai. Com a morte do pai, os filhos passam a ter o acesso ao prazer com as mulheres e à liberdade, mas também se instaura o sentimento de culpa e eles se deparam com a angustia da ausência daquilo que os organizava, da lei concreta, o que causa grande desamparo. Desta maneira, para que fosse possível criar uma nova forma de organização, a então chamada sociedade civilizatória, foi preciso que os filhos transformassem este pai morto em um totem. Assim surge o pai simbólico, a possibilidade de uma nova organização social, assim como a criação de novas regras de convivência, como a principal delas, a interdição do incesto (FREUD, [1913-1914] 1996).

Ao pensarmos na sociedade totêmica podemos relacionar o desamparo existencial do sujeito, pois em uma sociedade que se mata o pai e posteriormente depara-se com a necessidade de colocar outra figura de autoridade no lugar, no caso o totem. Pode ser percebida a busca nata do sujeito do humano, por um “pai” cuidador que não desampara, de algo que tenha uma representação simbólica de segurança. (FREUD, [1913-1914] 1996).

A partir da criação do pai simbólico, por muitos séculos não houve questionamento em relação ao seu papel de chefe político e religioso, com a modernidade surgiram diversas definições desse pai, que com o advento da cientificidade passa a se falar em função social e biológica. Iniciando assim a era de ruína do pai que passa a assombrar a vida do homem moderno e que posteriormente ecoa como sintomas em sua subjetividade marcada pela falta da lei. (KOLTAI, 2010).

O declínio do pai e as mudanças na sociedade a partir da era moderna podem ser percebidas ao equipararmos a forma de constituição social anterior à modernidade. A sociedade monárquica, sociedade de soberania a lei e forma de relação eram permeadas pela relação estabelecida entre súditos (irmãos) e rei (pai), ao rei cabia decidir o destino de seus súditos, como também sua condição de vida e

o controle da sociedade mesmo que por meio de formas concretas de punições como a morte, o aniquilamento em praça pública. Então com a decapitação do rei na sociedade de soberania, essas funções foram se modificando com a entrada da modernidade e as necessidades da era industrial, o poder antes monárquico passa para as mãos de uma maior quantidade de pessoas que para responder as necessidades capitalistas foram buscando novas formas de controlar a sociedade, que culminam na constituição da sociedade disciplina. (FOUCAULT, 2001).

Na sociedade disciplinar deixa de existir somente um no lugar de detentor do poder Com a morte do pai tirano e a criação do pai simbólico do totem, podemos pensar a entrada da sociedade disciplinar em que o poder passa para um maior número de pessoas, sai da mão do rei (pai) e passa para os súditos (irmãos). (FOUCAULT, 2001).

Assim como nos diz Koltai (2001), o homem começa a se organizar na busca de ideais relacionados ao mundo do trabalho como a produção e o consumo, passando a se relacionar de outra forma com o mundo e consigo mesmo. A partir disso o pai agora homem cuidador da ordem e política e religião da família, volta-se para o mundo do trabalho entrando nessa lógica disciplinar, ficando assim essa a função paterna, enfraquecida em declínio.

Ao retomarmos o totem e tabu em relação à atualidade, podemos pensar que a criação da cultura e da civilização só foi possível a partir da morte desse pai tirano, mas que sua função primeiramente alienante é de extrema importância para que os irmãos da horda pudessem se organizar, pois foi em torno da imagem de soberania do pai da horda que os filhos puderam construir um laço social e pensar que a união de todos poderia ser mais poderosa do que a tirania de um único indivíduo. Assim podemos pensar o que Freud nos fala de que a existência de irmãos não é possível sem que seja instituída primeiramente a função paterna. (KOLTAI, 2010).

A partir disso podemos pensar a problemática da atualidade em que a lei do pai responsável pela constituição de laços sociais encontra-se em uma aguda crise.

O EMPOBRECIMENTO SIMBÓLICO NA ATUALIDADE

Com a entrada da sociedade moderna industrializada ocorre uma transformação radical na vida do homem, que acaba por estremecer os modelos de

subjetividade instituídos. Os interesses antes simplistas do homem tradicional passam a interesses do homem da era industrial.

O homem de uma ordem social tradicional é permeado por uma longa duração das instituições e por sistemas de regras fixos e pouco flexíveis, que lhe proporcionam grandes seguranças e certezas. Pois, a vida que nos apresenta com grandes perigos e desalento é de certa forma mais fácil de ser vivida a partir de uma base tradicional que seja reconhecida pelo sujeito em sua memória coletiva, que diga de sua constituição enquanto parte de uma história. Com o respaldo de uma base tradicional, a angústia e incertezas ficam em níveis saudáveis ao ser humano. Com isso a experiência originária do desamparo fica regulada perante a estabilidade e fixidez dos conjuntos de regras da sociedade tradicional. (BIRMAN, 2006).

Lasch (1983) ao pensar as raízes tradicionais diz que a desesperança gradativa em relação ao mundo, aos desastres naturais, a grandes tragédias e até mesmo o fim do mundo, que sentimos desde o século XX vem aumentando. E esse homem que vive a buscar meios tecnológicos ou ideológicos para sobreviver a essas ameaças, fica nessa busca pouco pensada que refletem a desesperança de modificar e entender a sociedade. Então ficam as voltas de planos individuais, voltados sempre para si, como os investimentos exacerbados na qualidade de vida e na individualidade e na consciência de si, significam um recuo da política dos interesses que necessitam de um exercício de pensamento de envolvimento. Fazendo com que o sujeito repudie sua passada recente e viva seu futuro como sendo algo totalmente separado de seu passado e sem perspectiva de futuro.

A cultura ao individual, a necessidade de autoconhecimento e a liberdade a partir da consciência, trazem conseqüências já vistas que dizem de um sujeito que vive para si, nunca para o outro quem dirá pensando nas gerações futuras e mesmo antes disso nas suas próprias condições no futuro, perdendo o sentido de continuidade histórica. O senso e sentimento de pertença que diz de suas origens do passado e sua esperança em relação ao futuro. (LASCH, 1983).

A partir dessa nova constituição social em que o sujeito não tem mais um lugar não ocupa mais um papel que antes era seu, como o do pai, e o indivíduo não estabelece relação de alteridade e proximidade com outro. Como essas relações se modificaram e o sujeito volta-se para si, sem comunicação real com o externo torna-se o sujeito desamparado, que acredita ter que voltar para si para se proteger, a partir da fragilidade da lei do pai simbólico. (BIRMAN, 2006).

O “mal-estar” no contemporâneo diz das relações esvaziadas que vem se constituindo a partir da desconstrução gradativa do pai simbólico, onde o ser sem essa relação de linguagem entre os grupos passa a ser o ser empobrecido na linguagem e conseqüentemente no mundo simbólico. Ou seja, o empobrecimento simbólico esta diretamente relacionado a inexistência de uma função paterna interditora, para que a partir dela haja a possibilidade do individuo criar na relação com o outro, o enriquecimento e amadurecimento de seu mundo simbólico. (BIRMAN, 2006).

O aumento das vendas de manuais de sobrevivência citada por Lasch (1983) em seu livro “Cultura do Narcisismo” diz do empobrecimento simbólico, pois, esse homem que não encontra mais em seu mundo interno defesas necessárias volta-se para o concreto para o conhecimento de causa, para os manuais que ensinam como sobreviver. Bem como os manuais que ensinam a comer, a não comer, a educar os filhos, a falar, a transar e até mesmo a amar.

O OUTRO E A LEI PATERNA NA CONSTITUIÇÃO SIMBÓLICA

Na obra *O mal-estar na civilização* Freud ([1929-1930] 1996) nos mostra que o homem sempre carece de uma figura onipotente que o alivie de seu desamparo originário. Pois quando chegamos ao mundo estabelecemos uma relação simbiótica no primeiro estagio da relação *mãe e bebe*, e conforme vamos crescendo o pai se apresenta como figura forte e idealizadamente onipotente, que pode nos garantir amor em níveis altos e grande proteção frente ao mundo e as ameaças da natureza. Ao passo que esse homem vai crescendo, começam a deparar-se com um mundo, em que o pai antes onipotente, mostra-se frágil e pouco protetor em diversos aspectos.

Assim o desamparo se apresenta para o sujeito em níveis conscientes, e esse busca representações simbólicas mais eficientes para suportar a existência, como um pai que não pode ser visto, mas que existe no imaginário simbólico constituído em todas as culturas. Um pai chamado Deus, que simbolicamente possa representar essa proteção onipotente e sublime. (BIRMAN, 2006).

Portanto, Birman (2006) citando Nietzsche e Hegel nos diz da morte de Deus em que a ciência e a razão tiram a base de um Deus maior para o conforto dos homens e promete algo da ordem do concreto que mesmo com diversas promessas

não se sustentaram, assim lançando o homem ao abismo de uma existência sem chão.

Como mostrado por Freud (1996[1929-1930]) a crença do sujeito no ideal da felicidade possibilitado pela ciência no discurso no iluminismo é permeada pela lógica do industrialismo, e é ela que traz a existência do mal estar, pois para ele a felicidade jamais poderia ser alcançada de forma universal, ela é alcançada somente de forma singular, não como aparece no discurso iluminista que promete bem estar para todos.

Freud ([1929-1930] 1996) em “mal-estar na civilização” expõe a crítica a modernidade, explicitando as impossibilidades criadas pela modernidade para as subjetividades. Para ele o gozo e o erotismo do homem foram barrados pelo projeto da modernidade, e isso traria grandes transformações as individualidades e as comunidades, de forma que o empobrecimento simbólico daí resultante e a violência produzida abriram o horizonte para um mal-estar progressivo nas relações sociais.

Para pensarmos o conceito de Freud em relação ao desamparo Birman (2006), nos mostra, que para ele a *matéria-prima* do mal-estar que aparece na modernidade, se caracteriza como uma falta de base e de fundamentos para o sujeito, em que a ausência da figura do pai, como referência fundamental traria a queda da sociedade tradicional. “Vale dizer, o dito desamparo, que se encontra no fundamentada subjetividade moderna, é a resultante maior da humilhação imposta à figura do pai na economia psíquica do sujeito”. (BIRMAN, 2006, p. 48)

Assim é importante pensar segundo Birman (2006, p. 27), que a ruína da sociedade tradicional acabou com os meios sociais de produção de identidades, que se constituíam a partir das subjetividades através da transmissão de uma tradição que se registrava anteriormente a constituição dos sujeitos dentro da cultura. A ruptura dos registros antecipados de produção de identidade, instaurados através da tradição “lança as subjetividades em um abismo do desamparo”. Sendo este o resíduo maior produzido pelo abandono e a quebra da tradição, que sem essa “*delegação antecipada*” dos valores tradicionais resta-lhe somente escolhas que se configuram a partir de aderências e adesões ao outro.

Nesse contexto faz-se importante pensar o que Freud nos explica em relação à constituição do sujeito, pois para ele a constituição da identidade não seria possível sem que o sujeito passe pela perda do Outro e pelo processo de identificação. Pois para ele a perda é a condição do desamparo, é o que permite

que o sujeito tenha acesso ao seu desejo e conseqüentemente a liberdade. (BIRMAN, 2006).

O trabalho de domínio e simbolização da afetação torna possível a constituição do corpo do sujeito. Se esse trabalho não se fizesse, o corpo-sujeito ficaria ao trauma da afetação e seria precipitado impiedosamente ao masoquismo mortífero. A vida se tornaria algo impossível de ser regulada. Em “O problema econômico do masoquismo”, Freud pode então anunciar, que na espécie humana, a viabilidade do organismo depende do Outro e da organização do psiquismo. Se o organismo não passar pela mediação do Outro, ele estará condenado ao trauma mortífero e a uma hemorragia contínua das forças pulsionais, que tomará a via fatal da descarga contínua. (BIRMAN, 2001, p. 69).

Podemos pensar no que diz Khel, quando nos apresenta o sujeito da psicanálise na atualidade como aquele que solicita seu lugar onde exista a tirania do supereu, que é quem substitui o pai tirano que foi morto, na tentativa ilusória de despistar a castração. Esse sujeito insiste em direcionar sua energia pulsional a fim de manter a figura ilusória da onipotência do pai. Assim não abrindo mão dessa fantasia, deixa de desfrutar de forma responsável dos privilégios da orfandade, “- privilégios de viver num mundo em que o Outro é vazio de intenções a seu respeito”. (KHEL, 2002, p. 83).

O neurótico é alguém que, no mundo sem um Deus que anime “pela palavra o nosso pó”, deseja ainda servir ao Outro, a Ninguém. “Louvado seja, Ninguém. / por amor de ti queremos/ florir./ Em direção/a ti.” É porque o Outro, a quem o sujeito deseja se submeter, não deseja nada dele – condição do desamparo moderno, [...] – que caberia ao sujeito tomar a responsabilidade pelo desejo e dar a este algum outro destino que não a subordinação masoquista. Mas antes disso, é preciso reconhecer a pequenez da nossa condição “Um nada/ fomos, somos, continuaremos/ a ser, florescendo:/ a rosa do Nada, a/de Ninguém.” Um Nada de florescer, sem que ninguém lhe peça isso. Que florescer por quê [...] Por que sim seria, seria a única resposta. Porque é possível florescer, porque a palavra é nossa, e não do Outro: “Com/ o estilete claro da alma,/ o estame ermo do céu,/ a corola vermelha/da purpúrea palavra que cantamos/ sobre oh, sobre/ o espinho”. (KHEL, 2002, p. 83-84).

O poema de Celan em conjunto com as palavras de Khel, nos diz muito do sofrimento, da necessidade de saber sofrer de acolher o sofrimento. Como nos diz Khel: “quando o Outro nos revela sua brutal indiferença, nada podemos fazer a não ser tomar a palavra, a” purpúrea palavra que cantamos [...] sobre o espinho”. (KHEL, 2002, p. 84).

Assim podemos pensar as diversas formas de gestão do desamparo na atualidade que se configuram com base no princípio do prazer de Freud. Como no caso do masoquismo o que esta no cerne de sua existência é o evitamento do

desamparo é o aprisionamento em seu ego, mesmo que para isso seja necessário abdicar de si e se entregar como objeto de tortura e gozo do outro. Pois o desamparo causado pelo enfraquecimento da lei paterna, remete o sujeito a uma experiência de desapropriação de si. (BIRMAN, 2006).

O HOMEM E O TEMPO NA ATUALIDADE

Ao pensarmos o homem e o tempo na atualidade transcorreremos por dois caminhos que se cruzam, sendo um deles o tempo histórico de suas vivências transgeracionais e o tempo das vivências cotidianas que atravessam nossos dias.

O tempo nem sempre foi mensurado da forma que é hoje. No fim do século XIII, os primeiros relógios mecânicos começaram a aparecer no alto das igrejas, marcando uma nova forma de temporalidade nos continentes que hoje denominamos de Europa. A passagem do tempo era até então regulada pelos ciclos da natureza e pelos horários dos rituais religiosos, havia uma solidariedade e comunhão entre o tempo do trabalho que era regido pelo sol e o tempo da vida social que era regido pela igreja. Neste período o tempo era carregado de sentido e significados, com diversos valores, pois, as pessoas imersas a ele o via passar de forma mais próxima, em que, o sentido era dado a partir do percurso do sol que dizia do tempo do trabalho no campo, que era realizado sem pressa, sem exatidão e os rituais religiosos marcados pelos sinos que avisavam o horário das missas, orações matinais e dos rituais fúnebres. Era um tempo permeado e controlado por uma marcação religiosa que dizia dos desejos de Deus, que era quem controlava a natureza e o homem. (KEHL, 2009).

O controle do tempo que falávamos a pouco, existe claramente na sociedade atual só que de forma diferente, pois, como vimos acima na sociedade de soberania o tempo do indivíduo pertencia a uma força superior que o dominava. Hoje com os modos de produção do capitalismo e o reinado da sociedade disciplinar, o tempo e seu controle não são percebidos, pois essa é uma das estratégias de controle e poder. (FOUCAULT, 2001).

Kehl (2009) citando Gourevitch nos diz que “O indivíduo moderno também não é senhor de seu tempo – a diferença é que ele não sabe disso”, ele acredita em uma “liberdade” que lhe é dada estrategicamente pelo capital. O indivíduo do capitalismo liberal dispõe de diversas possibilidades de escolhas de entretenimentos, programações, momentos de lazer que sempre estão atrelados a

imensa necessidade de produzir resultado, *efeitos* de diversão, que transformam a experiência do tempo de lazer cansativa e vazia. Sem falar no impacto pejorativo que a palavra ócio causa nos indivíduos modernos. Enfim o tempo, o seu tempo não pode ser vivenciado a seu modo, ele contem manual específico.

O que fica evidente é que algo de muito valor da vida se perde quando o tempo que diz da experiência de estar vivo passa a ser medido por instrumentos científicos, que hoje se encontram a serviço do grande mestre do capital que reina sobre todo o globo terrestre, ele é o dono do tempo hoje. Portanto o controle do tempo hoje esta nas mãos de donos do tempo, do poder do capital. Assim ao pensarmos as influencias da relação com o tempo na vida simbólica do homem, podemos refletir sobre a questão colocada pela autora: “Qual será o efeito, sobre a vida psíquica, da perda do registro mnêmico de outras formas de relação com o tempo”. No qual os efeitos sobre a vida psíquica do homem, aparecem imerso em suas relações que hoje caracterizam-se pela fragilidade psíquica de um sujeito simbolicamente empobrecido. (KEHL, 2009, p. 124).

Podemos perceber o que se anuncia acima na fala de Lasch (1983), quando ele diz da relação do homem ocidental com o tempo, que é permeada pela tentativa de esquecimento de vivencias dolorosas, que possam influenciar seu presente, não percebendo que as experiências dolorosas são de grande valor para a constituição de sua subjetividade.

Assim erroneamente o homem da atualidade se empenha na tentativa de cortar os laços sociais que ligam uma geração a outra como podemos ver nas palavras do autor:

A trama do tempo é, a cada instante, partida e são apagados os traços das gerações. Os que se foram, logo são esquecidos; dos que virão, ninguém faz qualquer ideia, o interesse do homem confina-se àqueles que estão em estreita proximidade consigo mesmo. (LASCH, 1983, p. 29).

Tudo o que diz das gerações não apresentam mais muitos valores, os parentes e amigos se vão, morrem e o que aparece em seguida é uma grande corrida a fim de minimizar a dor, a fim de fazer esquecer-se de quem se foi, da dor de perder. O luto devido ao objeto não é vivido não existe mais a possibilidade da simbolização do luto dentro do tempo subjetivo.

Vivemos em uma era sem parâmetros, em que o futuro é algo a ser conquistado na imediatez do agora.

Uma vez que a sociedade não tem futuro, faz sentido vivermos somente para o momento, fixarmos nossos olhos em nossos próprios “desempenhos particulares”, tornamo-nos perito em nossa própria decadência, cultivarmos uma “auto-atenção transcendental”. (LASCH, 1983, p. 26).

O homem contemporâneo encontra-se na tentativa de se libertar não somente de sua angustia existencial, e sim de toda e qualquer angustia. Assim como se relacionar de forma diferente com o tempo, se a base da relação com o tempo é permeada pela capacidade de passar pela angustia que o vazio instaura, para depois criar novas representações sobre o vazio. Por isso o sujeito da atualidade se encontra sem possibilidades de simbolização, por não suportar nem mesmo a presença do vazio originário. (KEHL, 2009).

Pois como colocado por Kehl (2009), o tempo é uma construção social, é ele quem marca a ordem social dos acontecimentos históricos. E esse mesmo tempo que segundo Antônio Candido é o “tecido da nossa vida”, também é a condição ontológica do psiquismo. Pois, o psiquismo não é definido por uma qualidade espacial, e sim temporal, por isso que existe a dificuldade da neurociência em encontrar no tecido cerebral, o inconsciente freudiano.

A primeira relação do homem com o tempo acontece, “sob a forma subjetiva da espera a satisfação”. É na primeira relação com o outro, que o tempo e a espera pelo outro é percebida, é a partir das primeiras necessidades que a criança percebe a ausência do outro e se relaciona com o espaço de tempo que contem o vazio, quando seu cuidador e o meio insere a realidade temporal. Ou seja, “O sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo sempre em aberto, que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do outro”. (KEHL, 2009, p. 112).

A forma como o homem se relaciona com o tempo foram transformadas e refletem diretamente na forma como esse homem se relaciona com o outro, com a família, com a vida social com o trabalho e consigo mesmo. As relações que antes continham diversos sentidos hoje nem são percebidas em meio à corrida voraz do tempo. Como o momento de sentar-se a mesa para compartilhar da refeição e da presença dos familiares e amigos, como o poema a seguir pode ilustrar o antigo hábito de sentar-se na frente de casa, a observar o que tinha na experiência cotidiana da vida. (KEHL, 2009).

Na minha cidade, nos domingos de tarde, / As pessoas se põem na sombra
com faca e laranjas. / Tomam a fresca e riem do rapaz de bicicleta, / A
campanha desatada, o aro enfeitado de laranjas: / ‘Eh bobagem!’ / Daqui a
muito progresso tecno-ilógico, / Quando for impossível detectar o domingo /

Pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas, / Em meu país de memória e sentimento, / Basta fechar os olhos: / É domingo, é domingo, é domingo. (PRADO, 1991, p. 44).

Esse poema nos remete ao valor do tempo, ou melhor a concepção de valor do tempo. A um homem que antes podia dentro de um tempo cheio de significações, acolher e dar sentido ao vazio do tempo, hoje é incapaz de suportar qualquer espaço de espera dentro desse tempo. Assim tornando-se um homem mecânico regido pelo tempo do Kronos, o tempo do relógio, e não pelo tempo do Kairos que diz do tempo interno. Tornando-se assim um homem empobrecido com certa impossibilidade de simbolização da experiência do tempo e da vida. (KEHL, 2009).

A relação com o tempo constituída hoje, reflete diretamente na relação com o outro pois a incapacidade de suportar o vazio do tempo também diz da impossibilidade de suportar o outro inteiro, enquanto falta. O princípio de realidade instaurado pela presença do outro na relação encontra-se fragmentado, pois a buscar exteriorizada do outro como simples utilitário, tira do homem a relação com a realidade de existir e o convida para o prazer desmedido. (KEHL, 2009).

Enfim uma sociedade em que o tempo deixa de ser regulado pelo tempo simbólico, em que pode-se pensar o enfraquecimento da lei do pai que é quem constitui o indivíduo enquanto sujeito. Ocorrendo assim, a constituição de indivíduos empobrecidos simbolicamente e cada vez mais concretos.

Em tais condições, sofre-se a falta do “tempo de compreender”, a partir do qual o sujeito do desejo pode emergir como sujeito de um saber sobre si mesmo. (KEHL, 2009, p. 123).

Existe a impossibilidade de espera do intervalo entre a espera pela satisfação e o tempo necessário que se crie entre esse espaço da espera do outro. Essa impossibilidade que se estabelece de simbolização pois o tempo é permeado pela lógica do relógio e não pelo tempo interno que é necessário para a busca de significações, frente a falta.

Essa condição anunciada implica nas novas formas de gestão do desamparo na atualidade que pretendemos discutir no capítulo que segue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação dos sujeitos com o mundo vai se transformando no decorrer do tempo. O sujeito que não tem apropriação de seu passado e um pensamento em seu futuro, não constituirá uma existência pautada na efetiva relação com o Outro e

com a civilização. Assim ao investir em seu próprio “eu” e, não encontrar grandes possibilidades, se voltará à sociedade com grande sentimento de ódio.

O caminho de retorno dessas constituições subjetivas é a busca em si de um sujeito que tenha alteridade, ou seja, que veja no Outro e na relação com seus pares o valor que elas têm.

A possibilidade que o sujeito tem de restabelecer seus laços fraternos na busca de uma constituição simbólica é a partir da relação com o Outro, assim constituindo-se efetivamente seu “eu” simbolicamente rico.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: _____, **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007. cap. XII.
- FREUD, S. (1931 [1927-1931]). **O Futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. São Paulo: Imago, 1996. V. XXI.
- FREUD, S. ([1912-1913]). **Totem e tabu e outros trabalhos**. São Paulo: Imago, 1996. v. XIII.
- KEHL, C.R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KOLTAI, C. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MELMAN, C. A era do prazer. Entrevista com Charles Melman. **Revista Isto É**. 22 set. 2004.
- PRADO, A. **Bagagem**: Rio de Janeiro: Imago, 1975.